

Uma Imagemnação da Educação

Una imaginación de la educación

Rui Mesquita¹

ARK CAICYT: <https://id.caicyt.gov.ar/ark:/s24226459/cyvi6tv4i>

Resumen

Trata-se de um ensaio sobre a descolonização da educação. É um texto denso, visceral, mas ao mesmo tempo leve, que vem da experiência de Rui Mesquita como gente e como educador. Inspirado na Poética da Relação, do filósofo caribenho Édouard Glissant, e na noção de mandinga, como enxergada pelo mestre de capoeira Joab Jó Malungo Jundiá, Rui desenvolve o conceito de articulação pedagógica. Este último tensiona com as práticas hegemônicas de mediação pedagógica no campo educacional herdado do colonialismo ocidental.

Palavras-chave: Articulação, Mediação, Pedagogia, Poética, Relacionamento.

Resumen

Este es un ensayo sobre la descolonización de la educación. Es un texto denso, visceral, pero al mismo tiempo ligero, que surge de la experiencia de Rui Mesquita como pueblo y como educador. Inspirándose en la Poética de la relación, del filósofo caribeño Édouard Glissant, y en la noción de mandinga, vista por el maestro de capoeira Joab Jó Malungo Jundiá, Rui desarrolla el concepto de articulación pedagógica. Esto último pone en tensión con las prácticas hegemónicas de mediación pedagógica en el campo educativo heredadas del colonialismo occidental.

Palabras claves: Articulación, Mediación, Pedagogía, Poética, Relación.

¹ Professor do Centro de Educação da UFPE e coordena o Laboratório de Inovação Política em Práticas Educativas (LaButuca). Tem se dedicado, pela produção de textos, documentários e radionovelas, ao tema da descolonização da educação. gomesmattosdemesquita@gmail.com

Introdução

Vazante

Simbora partir, vou para Salvador, Juraci
Simbora partir, Oi, oi, oi, oi pra Salvador, Juraci
Quando a vida para de dar
É hora de repartir
Quando a maré cheia beira
A hora é de vazar
Simbora partir, vou para Salvador, Juraci
Simbora partir, Oi, oi, oi, oi pra Salvador, Juraci
Quando a vida para de dar
É hora de repartir ...
(Tiganá Santana)

Ao fundo, enquanto escrevo, escuto *Vazante*, de Tiganá Santana. Permito que a música penetre meus poros, com seus ritmos e ressonâncias, fazendo-me tremor, continuidade-descontinuidade, portal. Vou deixando que meu pensamento e existência sejam penetradas por outros tempos-espço em movimento, vozes de pessoas que têm passado por minha vida, aqui e ali, como quem tece *fios soltos de história*². Lirismo que faz de mim *vazante* a uma imagem errática, em eterno trânsito, e que, sedutora, sugere a educação como cuidado, vínculo, alimento, beleza, simplicidade, força, violência, irrupção, morte: elo cósmico-libidinal. Como um primeiro gesto sincero, um humilde e politicamente necessário passo, convido a leitora à imaginação, ao enxergamento da materialidade³ de uma experiência

² Tomo de empréstimo essa expressão de Silvia Rivera Cusicanqui. Pensando nas possibilidades de articulação entre diversos setores e tradições populares, Cusicanqui (2015, p. 85) lembra que a fragmentação aí existente não é a mesma dos *call centers*: "Há ainda uma fonte de cultura oral, uma extraordinária e eficaz capacidade de distribuir rumores... Uma espécie de capital social e cultural acumulado desde o passado, com capacidades de comunicação que nem sempre são reconhecidas oficialmente". Essa comunicação certamente escapa à racionalidade das chamadas políticas públicas e é exatamente esse o combustível político – e a janela para o valor da autogestão que o choque com a pulsão totalizadora, normalizadora e homogeneizadora do Estado pode abrir – que interessa a Articulação Pedagógica, conceito que tenho desenvolvido (Mesquita, 2022).

³ Laclau (2000, p. 121) denuncia a "afirmação do caráter em última instância conceitual do real". Contesta, assim, que "a realidade última de um objeto" seja sua forma (conceito, universalidade), como

delirante... Irmanada, uma gente, de variada idade, cuida afetuosamente do seu lugar, um lugar vivo e de igual valor a outros lugares. Pisam com vagar e respeito a tudo que habita esse chão: viventes, minérios, águas, ventos. Dançam pensamentos em ato. Não é preservação que vejo, não há nada aí a “preservar”⁴, no sentido estatal do termo. Nada a ver, aqui na minha realidade, com as folclóricas manifestações de pernambucanidade voltadas ao nosso turismo cultural. Não é também, por isso mesmo, nenhum “popular” que caiba ecumenicamente no nacional. Trata-se de um diverso jogante, concreto, material, aquele que, sendo relação, nem se ensimesma nem cabe “amorosamente” no Uno. É apenas um espaço pulsante, um músculo tenro e potente, um microclima ou, poderia dizer, parte de um povo *sendo*⁵. E desse chão, como poesia, como beleza, germinam alimentos vários e, por vezes, surpreendentes, porque, sendo quem são, não se deixam capturar facilmente por uma racionalidade monocromática, ou pelas ossaturas de currículos concebidos sempre alhures, de outrem, suspensos com seus receituários formais e conteudistas. E entediastes, vamos logo combinar. Assim, essa imagem tampouco é escola, ou quer salvar, melhorar, adensar, completar essa forma institucional moderna que nominamos *escola*⁶. Convido a leitora a cadenciadamente respirar, e respirar, e respirar, interrompendo, suspendendo e, enfim, liberando seu senso de razoabilidade das amarras do racionalismo colonial que nos *afeta* a todos⁷ (um difícil exercício que certamente demanda um quê de ficcionalização, ou encantamento, poesia, mas que parte de elementos – visíveis ou conceitualmente invisibilizados – da realidade concreta)⁸...

quisera, Aristóteles e Platão. De acordo com Laclau os filósofos antigos chamavam de “matéria” os resíduos irreduzíveis ao pensamento. Assim, por exemplo, para Laclau, Marx, ao trabalhar a noção de racionalidade do real, permanecia com um pé no idealismo.

⁴ Aprendi isso, não sem grande estranhamento inicial, com Fábio Soares, de Condado, que me falava desde o Cavalo Marim essas palavras que, de memória, reproduzo livremente: “... Se tiver que morrer, deixa morrer. É como uma árvore que cai, depois nasce outra, que pode ser uma árvore diferente, ou mesmo nem nascer nada. Tá aí, deixa como está”. Também no filme *O Abraço da Serpente* (2015), do diretor colombiano Ciro Guerra, há uma cena em que o xamã karamakate explode em gargalhada quando se depara com a preocupação do etnobotânico Richard Schultes em, diante das ameaças das correntezas dos rios amazônicos, preservar seus livros e anotações de pesquisa.

⁵ Há nas Américas, para Glissant (2005, p. 21), por conta do fenômeno da criouliização, “microclimas culturais e linguísticos absolutamente inesperados, lugares nos quais as repercussões das línguas umas sobre as outras, são abruptas”. Ainda, para mostrar o perigo e a potência política desses microclimas, o filósofo martinicano argumenta que eles “são decisivos porque constituem verdadeiros indícios do que está realmente ocorrendo no mundo. E o que está ocorrendo realmente no mundo é que estão sendo criados microclimas e macroclimas de interpenetração cultural e linguística. E quando essa interpenetração cultural e linguística é muito forte, então os velhos demônios da pureza e da antimestiçagem resistem e inflamam esses focos infernais que vemos queimar na superfície da terra”.

⁶ Para uma excelente genealogia da moderna instituição escola, recomendo o artigo *A Maquinaria Escolar*, de Julia Varela e Fernando Alvarez-Uria (1992).

⁷ Para uma crítica à colonização do saber, ver a coletânea *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*, organizada por Edgardo Lander (2000).

⁸ Todos os espaços sociais aqui referidos são socialmente existentes. Conheço bem boa parte deles, outros menos e alguns de ouvir falar. Tantos outros espaços, realmente existentes, não estão presentes nesta breve visagem. Recentemente me impactou, no sentido de dar importância e força política concreta a tais espaços, o artigo de Luiz Carlos Pinto da Costa (2020), *Redes de aquilombamento contra a COVID-19: uma análise das estratégias de coletivos populares na Grande Recife*. Nesse artigo, Costa nos mostra como os coletivos que analisou apresentam forte e decisiva iniciativa, no contexto da pandemia, de cuidado com os seus a despeito da morosidade e inépcia governamentais. Essas ponderações, a meu

O terreno da casa de Mãe Flávia em Camaragibe, conhecido como *Quilombo Cultural do Catucá*, foi se transformando – sem que isso tenha correspondido a um projeto estratégico desejoso de expansão e poder – *naquilo*: a já tradicional sambada de coco dos primeiros sábados do mês e da rotina dos cuidados e obrigações religiosas da Jurema Sagrada, foi se *articulando* uma cozinha antes ocasional, mas que agora, com o tempo, germinou suas rizomáticas ramas em um espaço comunitário mais amplo, um microclima visto como uma espécie de *irruê*⁹. Ambiente de conagração pelo alimento onde coexistem múltiplas complexidades e memórias ancestrais, inacessíveis desde a coerência das unidades conceituais do pensamento sistema, por mais refinadas que sejam. Uma espécie de “oficina” de livre convivialidade (deparo-me, não raro, com a falta léxico!), onde não se pode delimitar onde começa uma coisa e termina outra: a política, o festejo, a guerra, o trabalho, a espiritualidade, o pensar, o molejo... Em movimento espiralar, misturam-se as linguagens onde os colonizados costumamos esquartejá-las violentamente em campos, calendários, setores, ramos, disciplinas. As rodas de capoeira, os ensaios de maracatu, os diversos grupos de estudo, as acaloradas reuniões, a organização de mutirões, os ensinamentos de autodefesa, as saídas da La Ursa¹⁰, leituras individuais de puro deleite, vadiagens são tudo, enfim, *experimentações* que jogam um *jogo* de não-regulação com o poder disciplinar do Estado colonizado e sua racionalidade utilitarista de mercado (complementares e interpenetrados que são). E com isso *ocupam*, minimamente, o espaço (que querem) público, com suas linguagens, suas formas e racionalidades outras, impondo-se como interrupção, diferença, particularidade não fragmentária. Isso não é para reformar o Estado, também não é para revolucioná-lo, mas, simplesmente, para garantir o respiro do seu *sendo* – particularidades que se engendram, sem a mediação de suposta estética universalizada, numa espécie de

ver, imprimem plausibilidade e verossimilhança ao que aqui ficcionalizo e levo adiante, com inspiração em Glissant, como “investigação poética”, ou seja, aquilo que, existindo concretamente, dificilmente é perceptível aos olhos da “ciência”. Nesse sentido, não é minha intenção nesse ensaio fazer a defesa racional e “objetiva” de um suposto modelo de educação ou metodologia educacional, mas abrir as portas ou portais do sensível como recurso político à imaginação.

⁹ Termo cunhado por Glissant (2005, p. 13-4) para refletir sobre o que lhe evoca a paisagem fragmentária e caótica do Mar do Caribe (com suas realidades e irrealidades) em contraste com a paisagem unitária do continente europeu: “É de disso que, provavelmente, me vem o sentimento que sempre tive de uma espécie de unidade-diversidade, por um lado, dos países do Caribe e, por outro lado, do conjunto dos países do continente americano”. Como se o Mar do Caribe fosse uma “espécie de introdução ao continente, uma espécie de elo do que é preciso deixar atrás de si e o que é preciso dispor-se a conhecer”. Essa metáfora geográfica serve para Glissant introduzir um outro contraste entre o que chama de pensamento sistema, mortífero e colonizador, e o pensamento rizomático, termo que toma de empréstimo de Deleuze e Guattari para pensar as relações de criouliização. Esse seria “um não sistema de pensamento”, algo que “não seja nem dominador, nem sistemático, nem imponente, mas talvez um não sistema intuitivo, frágil e ambíguo de pensamento, que convenha melhor à extraordinária complexidade e à extraordinária dimensão de multiplicidade do mundo no qual vivemos” (p. 26).

¹⁰ Lembro muito das minhas brincadeiras de La Ursa na minha infância de classe média em Olinda. Pedíamos dinheiro de casa em casa para depois comprarmos guloseimas. Recentemente tive a oportunidade de viver essa brincadeira no Bairro do Viana, em Camaragibe, onde fica o Quilombo do Catucá. A perspectiva me pareceu completamente outra, uma vez que as pessoas sabiam se tratar não de uma ação de crianças com gosto especial por doces, mas de algo que tinha a ver com uma (incipiente) iniciativa para a autossustentação daquele espaço comunitário.

unidade-diversidade. O que resta daí não é o “nacional” sintético¹¹, mas uma *totalidade concretamente realizada* pelo jogo, como efeito não projetivo de um jogo cuja máxima é ser garantidor das verdadeiras relações. O que eu vejo – apenas, vale ressaltar, a *um modo diferente* de quem vê e ficcionaliza “cidadania” e age de acordo com a força de sua própria crença – é o respiro de uma gente diversa, vivendo uma agitação lenta, permitindo-se que as falas e ritmos de seus antigos retornem aos seus ouvidos, mãos e bocas. Essa simples garantia de existência material da diferença empurra o jogo – que, erótico, não poderia ser chamado propriamente de “política” –, na minha *imagemnação*, para outro patamar. Deixem-me *contar* a vocês.

Aquele era um dia de expectativas na casa de Mãe Flávia. Chegariam de uma *escola* pública do Recife, situada na Comunidade do Bode no Pina, um grupo de três rapazes e quatro moças. Pelo combinado com a representante da Secretaria Estadual de Educação (uma mulher de meia idade admirada por sua sensibilidade e respeito às formas diversas de organização do social – isso ainda era uma questão em torno da qual havia muita peleja), passariam ali, por escolha própria, mas também por ter sido negociado com suas famílias e comunidade, em torno de três meses. Eles cumpriam o chamado *tempo comunidade*¹² como parte do recém adotado princípio metodológico da alternância naquele *rizoma de ensino* (metáfora em fase de consolidação e cuja necessidade de renovação do léxico relativamente à noção de “rede de ensino” decorria da percepção de que esta última não contemplava a efervescência de diversidades que então se experimentava). Aqueles jovens, que vinham se dedicando arduamente ao estudo da matemática e que haviam escrito cartas de intenção para ingressar no curso de Ciências Contábeis da UFPE (instituição que recém abolira os testes como forma de acesso ao ensino superior e cujo processo de articulação extensão-ensino-pesquisa trazia consigo um entendimento relativamente estabilizado de que a técnica, não trazendo consigo um sentido imanente, deveria e poderia servir a múltiplas culturas, numa noção de público que transborda o estatal), estavam bastante interessados numa inovadora lógica comunitária de gestão contábil do restaurante

¹¹ Vejam, por exemplo, a relação entre a capoeira e o nacional na experiência histórica brasileira, cuja elite moralista e higienista sempre identificou o “outro” (os corpos negros) com as ruas e a sociabilidade de rua. Entretanto, como nos comunica Guizardi (2017, p. 123), os escravizados – imensa maioria da população urbana na primeira metade do século XIX – puderam então “promover uma resistência baseada na subversão corporal, na negação silenciosa em promover a rentabilidade do trabalho”. Promoviam, com efeito, uma forma outra de sociabilidade que apontava para um *ethos* bem específico, diferente e autônomo em relação aos valores dos colonizadores europeus, o que os fez ser alvo de perseguições oficiais. É nesse contexto que a capoeira emerge como um símbolo de malandragem e criminalidade, verdadeiro obstáculo para a construção de uma sociedade civil no Brasil influenciada pelos valores de ordem e progresso do positivismo. Já no século XX, com os investimentos de folclorização das culturas negras e indígenas, assistimos, especialmente na era do desenvolvimentismo varguista, a emergência da capoeira como “símbolo nacional”, que, por sua vez, obedecia a uma lógica de positividade da mestiçagem como forma de integrar subalternamente os elementos negros e indígenas à nação brasileira. Ganha proeminência aqui, através da nacionalização e universalização da educação, o trabalhador branco-imigrante como símbolo de civilidade a ser alcançada. O que neste ensaio eu procuro colocar em xeque é certo paradigma de espaço público quando esse fundo histórico de memória é recalcado.

¹² Para um bom apanhado histórico e arguta reflexão acerca do que aqui chamo de princípio metodológico da alternância, ver a dissertação de mestrado de Severino Ramos Correia de Figueiredo (2015), intitulada *Princípio da Alternância: experiência de educação contra-hegemônica nos cursos de militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e na Escola de Formação Missionária*.

popular que ali inaugurara há três anos e cuja exitosa experiência era muito comentada nos meios populares. Chegariam na universidade com suas próprias contribuições a um debate que ganhara recentemente dimensão pública nacional. Animavam-se, outrossim, movidos pelo desejo de fortalecimento da autonomia existencial dos seus, com a construção de um restaurante no Bode, estando atentos às características do lugar onde viviam e as suas próprias memórias ancestrais vinculadas em boa medida às águas e ao mangue.

Dali mesmo, da casa de Flávia, também partira semana passada Orum, Jéssica e Otávio para a oficina de refrigeração do Mestre Boca, em Olinda, iniciado nas teorias da física, mas, principalmente – porque era essa a obra de sua primorosa vida –, nas artes da gambiarra e da sobrevida dos eletrodomésticos¹³. Nesse emaranhado imprevisível de relações, todos (parteiras na tradição, especialistas em contabilidade, rezadeiras, rabequeiros, médicos, professores, dançarinos, espiritualistas, mecânicos, mestres de capoeira, artesãos, motoristas etc.), partícipes das formas organizativas mais diversas e suas hibridizações (sempre mutantes posto que, abertas à vida, nunca deixam de se *atualizar*): “hospitais”, “terreiros de jurema e candomblé”, “igrejas cristãs”, “afoxés”, “transportadoras”, “escolas de samba”, “associações políticas diversas”, “espaços de promoção da saúde”, “gafieiras”, “restaurantes”, “oficinas” etc. –, podiam credenciar-se à linha pública e comunitária de financiamento e receber, dentro de critérios próprios e formalmente acordados, pessoas interessadas em intercâmbio¹⁴.

Vatapá de inhamé, essa era a senha que os animava desde o vinho da sexta anterior quando o menino-mestre Antônio, estando na varanda da casa, assuntando a

¹³ Alexandre Boca é técnico em mecânica pelo IFPE (antes apenas conhecido como Escola Técnica). Sua oficina tem realmente funcionado como uma “escola” na medida em que recebe um fluxo contínuo de jovens que instrui na refrigeração, mas que, por diversos motivos não têm acesso à educação formal. A oficina de Boca é um verdadeiro ambiente de convivialidade, mas as políticas públicas atuais não têm olhos para ver ou, muito menos, financiar seu excelente serviço público. Boca – tomado aqui como símbolo de uma prática amplamente disseminada nos mundos negros que tangenciam o chamado “mundo do trabalho” –, que poderia estar tranquilamente “muito bem empregado”, provavelmente não aciona nenhuma memória ancestral ao seu fazer profissional-existencial. É-me, entretanto, impossível não lembrar dos ensinamentos de Joel Rufino (2020, p. 72), quando nos chama a atenção para o fato de que, no contexto de marginalização do negro no projeto nacional-desenvolvimentista, “o negro não perdeu sua chance exclusivamente como assalariado. Ele a perdeu, também, como pequeno produtor independente – artesão especializado e dono de oficina... Desde meados do século XVIII, se formara algo assim como o embrião de uma burguesia negra. Eram milhares de alfaiates, carpinteiros, mestres-de-obras, ferreiros, ourives, barbeiros, dentistas, práticos, mineradores, músicos, tropeiros, vendedores, militares etc.”.

¹⁴ Conheci por Ivan Illich (1973) a interessante proposta de financiamento da educação através de uma bolsa de estudos que todo cidadão deveria receber ao nascer. Tal bolsa poderia ser usada mediante as estratégias formativas mais diversas de maneira a delinear um percurso (currículo) nunca antecipável. Nesse contexto, a própria sociedade teria seus mais diversos espaços formadores. Essa proposta de Illich guarda uma improvável e insuspeita afinidade com as experiências contemporâneas de aquilombamento, no sentido de se constituírem, para Joel Rufino (2020, p. 55), como famílias rituais que “representam certo padrão de geração e distribuição de renda contraposto ao da sociedade envolvente”. E ainda: “o vínculo que se estabelece entre os membros da comunidade não está em função de que eles habitem num espaço: os limites da sociedade egbé não coincidem com os limites físicos de um ‘terreiro’... Os membros do egbé circulam, deslocam-se, trabalham, têm vínculos com a sociedade global, mas constituem uma sociedade ‘flutuante’, que concentra e expressa sua própria estrutura nos terreiros... ‘Compound’ é um termo comumente aplicado, na Nigéria, a um lugar de residência que compõe um grupo de casas ou de apartamentos ocupados por famílias individuais relacionadas entre si por parentesco consanguíneo” (Ibid, p, 56).

conversa banhada pela lua dos adultos, deixou nele germinar um sonho que viria a partilhar logo no outro dia, bem cedinho. No sonho, o terreno de Seu Francisco, o senhor que vez por outra, sempre que dava, trazia ervas medicinais e garrafadas para o restaurante comunitário, transbordava de pés de inhame. As folhagens cresciam de maneira assustadoramente acelerada, e eram muitos, muitos pés, e se multiplicavam e invadiam a calçada de sua casa, e interrompiam a rua, e o fluxo de carros, ocupando com suas ramas a própria frieza asfáltica da cidade. E Seu Francisco, sendo pura irradiação de alegria, atraía as pessoas da vizinhança, que, num intenso ir e vir, transportavam inhame em seus carros de mão e bicicletas para o restaurante do terreiro. E eram recebidos com água gelada, cantos e axé. Ao redor de um velho caldeirão de ferro, testemunha de tantos casos culinários, Antônio dizia ter visto mulheres e homens cozinhando prosaicamente, compondo desejos difusos, os ditos, os não ditos, realizando prospecções e memórias *familiares* esparsas. As crianças respiravam os movimentos dos adultos – sorrisos, molejos, cantos, conversas –, imitando-os e sorvendo palavras que circulavam à toa, ou não. Manuel e Dandara, 4 e 5 anos, dançavam no salão oval enquanto Samuel, jovem ogan, batucava seu atabaque. As crianças se aproximam atraídas pela vibração das batidas ressoadas em suas peles. Estendem a mão no entorno do instrumento musical, deixando, em gesto de genuína receptividade, as ondas sonoras penetrar-lhes o corpo... E assim, com a ludicidade de um simples exercício de presença, aprendiam. Sementes de gestos se espalhavam no ar, catalisando nas pessoas o irresistível cheiro do alimento em preparo. Nutriam-se apetites gregários. Saciavam-se os desejos da boca. As barrigas diziam, assim como os narizes e as peles. O vatapá os unia pela força do aroma e da antecipação da ideia-sonho do garoto Antônio, a refeição a compartilhar. Vizinhos, bem acolhidos, se achegavam aos poucos. Reverenciavam a Flávia que, sorriso longinquamente farto, guardava a força ética daqueles que, sem ilusões, sabem apenas estar passando por esse mundo. Traziam coisas, novidades, pequenos gestos. Teciam intrigas e amores. Confundiam-se e agrupavam-se em um delinear de fronteiras frouxamente traçadas ao sabor dos interesses ocasionais: a ação de ocupação do morro pela mata e sua decisão de subverter a dicotomia cidade-campo; a vida em cooperação e os mutirões em curso; o cinema do bairro a ser nutrido; os namoros; as negociações do saneamento básico com a prefeitura; os cuidados com a vida dos Rios Capibaribe e Beberibe; as bicicletas e o transporte público comunitário; o cuidado coletivo com os cachorros e gatos do bairro que vagueiam pelas ruas; a construção de uma cervejaria artesanal... Gengibre; pimenta do reino; sal; alho; cebola roxa; coentro; cebolinha e pimentão verde, todos colhidos em hortas locais, eram refogados na efervescência espumosa do dendê. Conservam-se e integram-se em apetitosa alquimia. O refogado se imiscui na massa úmida, fresca, branca e sedutora do inhame, tal como fora sonhado. Ganha vida um composto marrom amarelado, meio desajeitado, e cujo borbulhar caótico transparece incerta quietude.

Essa fonte imensa de prazer faz-se presente no afã de reconhecerem a hora precisa em que as farinhas da castanha e do amendoim torrados devem penetrar a massa. Uma mão leve e decidida salpica enfim as farinhas com acurácia. Enquanto isso, uma segunda pessoa, em harmonia síncrona, manuseia com maestria a colher de pau e, ainda, uma terceira pessoa providencia o momento em que o leite de coco, com sua sensualidade, confundir-se-á sorrrateiramente nas entranhas do vatapá *em*

gestão. O quintal é arborizado, visitado pelo chilrear dos passarinhos que saltitam atrás do coentro fresco do terreno sem se preocupar com seu essencial trabalho de polinização. Destaca-se ao fundo um baobá, acolhedor de conversas que irrompem, aqui e ali, o mata-borrão dos silêncios ocasionais¹⁵. Retornam, como efeito de livre intuição, palavras balbuciadas na noite anterior, assuntos que se continuam sem que tenham sido programados ou mesmo percebidos. Formulam-se observações projetivas – “mais um pouco de sal”, “a amizade daqueles meninos é um tanto tóxica”, “deixa eu te contar meu sonho” ... –, assobiam-se cantos. As lembranças esparsas, as angústias e dores do descolonizar, risos. Enquanto isso, cozinham.

Convido-as agora a se concentrar na ação da segunda pessoa. Com a colher de pau na mão, ela desce resolutamente ao fundo da panela e, com vagar, aí habita e mexe. Remove sem afobamentos as partículas individuais que teimam em se acomodar ao fundo, atraídas pelo conforto protetor do fogo (ao modo das mariposas que se deixam atrair pela luz das lâmpadas e dos humanos que procuram segurança em seus empregos). Em movimento curvilíneo, distraidamente atenta, remove-as metodicamente para o burburinho da massa, curando para que aproveitem a estadia naquele chão quentinho, sem se queimar ou descurar de seus inescrutáveis percursos específicos – se subirão ou, novamente, precipitarão àquele chão ou se, eventualmente, movidas pelos mistérios da existência, arremessar-se-ão para o fora da panela, para chãos intangíveis. Mas isso, ao modo afetoso dos vínculos, cuidando de todos¹⁶. A força material dos fluxos incertos no caldeirão sendo um jogo nada seguro, marcado pela imprevisibilidade, é, entretanto, a única coisa a preservar. A qualquer momento, por exemplo, quem mexe a colher deve assumir uma postura enérgica e resoluta, agitando por vezes freneticamente o instrumento para que o calor excessivo não queime o vatapá nem decepcione aqueles que, enganando a fome, esperam-no com água na boca. Mas é da aceitação da incerteza dos percursos *particulares*, quando o controle já não se coloca como questão – e sim o cuidado –, que se faz a primazia da massa *em gestão*. Aqui se dá uma diferenciação que não é marcada pelo espírito da hierarquia, ativando o movimento e potência individuais sem que com isso se mobilize o afeto de não se querer ser massa. (ou querer ser o cabo da colher sem reconhecer que abaixo desse tronco, no quentinho da panela, há sempre uma inescapável vadiagem). Importa apenas que não se queimem as partículas individuais, que não se ressintam num canto qualquer, pois isso pode desandar a idiossincrática delícia gregária do alimento em preparo. E nem pode, em seu método *des-pretensioso*, se queimar amiúde quem manuseia a colher. Para isso ela tem, tecnicamente falando, que ter o tamanho ideal e há que saber mexer vagarosamente, sem afobamentos, incorporando ao movimento circular da colher a aproximação entre cuidado e

¹⁵ Veja-se, na plataforma Víneo, o documentário *O Baobá e o Currículo*, como resultado da pesquisa de PIBIC levada a cabo por mim e Emeline Melo – minha atual orientanda de doutorado. Nesse documentário descobri a existência do que depois vim a chamar de “ambiente narrativo”, o qual foge ao controle do discurso humano e que considera, inclusive, uma ação não humana e sobre o humano por parte dos reinos mineral e vegetal. Ver também o artigo *Ao Redor do Baobá: anotações sobre memória e currículo na roteirização de uma imagem invisibilizada* (Mesquita, 2013).

¹⁶ Para uma análise referenciada na África e crítica à visão eurocêntrica – inclusive da tradição marxista – de uma suposta superação histórica do matriarcado pelo patriarcado, ver a interessante tese de Cheikh Anta Diop (2014), *A Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica*.

incerteza. Ao tempo que desce para vadiar, lutando sua presença no jogo quente-erótico da vida, permite ao cabo, confortavelmente, vaguear qual antena acima da superfície fervente. Certo é que habitar o calor que vem de baixo, do fundo da panela-terra, é a força que nos habilita a sentir o ar fresco que sopra novidades dos quintais vizinhos e, invadindo nossa cozinha, anuncia a chegada surpreendente de outros odores, vozes, amores.

Hoje Antônio, essa criança linda feita rapaz, vive normalmente seu cotidiano no Bairro do Viana, em Camaragibe. Um ser especial dentre outros tantos seres especiais, cada um a seu modo. Ele é, sabidamente, um abridor de portais e levará provavelmente consigo, por sua vida, essa maestria poética, onírica. Anda, inclusive, escrevendo poemas e pequenos textos ensaísticos. Anastácia, a mulher que veio da *Biblioteca Brincante do Pina*¹⁷ para trocar experiências e auxiliar na construção de ambiente similar em Mãe Flávia – e que toma conta da biblioteca sem se perguntar se é pedagoga, bibliotecônoma ou assistente social –, como quem rega uma planta, lhe apresentou recentemente o poeta Manuel de Barros, com quem Antônio anda degustando imagens surpreendentes. Seus *poemas-portais* são, com efeito, contínuos ao quente da panela, à acurácia do salpico de sal e do mexer o vatapá, e àqueles punhados de gente reunidos em seu aqui-agora. Antônio sabe não existir sem as coisas do mundo e é mexendo com elas e as pessoas, seus lugares e sentidos, que vai escrevendo o seu *sendo-Antônio-que-é*¹⁸. Sabe que seus sonhos não o são início ou origem de um futuro – nem o futuro dele nem o de nenhum coletivo –, são axé, força vital que abre as salas da existência à presença incontornável dos tantos e tantos passados. Por isso, não é herói, não se deixa captar pela épica colonialista clássica do *sou* conquistador que permeia o mundo moderno, do *sou* que, acionando um tempo em flecha, se considera portador do Deus da comunidade e, assim, alimenta um sorrateiro e mortífero culto ao futuro. Antônio se pergunta como ser ele mesmo sem se fechar ao outro e, consentindo na existência de tantos outros, procura não renunciar a si mesmo¹⁹. Antônio, por essa sua maneira de existir, interdita o eterno *vamos-então-ser-aquilo-que-não-somos-e-se-sabe-já-o-que-é* da educação moderna, a qual nos torna desde cedo promessa do existente, do mesmo das profissões e disciplinas. (Basta observar corriqueiras observações e perguntas quanto ao futuro de nossas crianças: “o que você vai ser quando crescer”. Ainda mais ridículo é quando vem acompanhado de um “médico ou advogado?”). Antônio, *sendo* poeta, leva isso aonde for, sem aceitar uma carteira de poeta que lhe coloque *no lugar de poeta* porque sabe ser esse um passo decisivo para colocar sua poesia em um lugar qualquer dito ser *lugar de poesia* e, depois, o lugar de legitimidade da poesia e, assim, ativar o recorrente efeito mortífero de

¹⁷ Biblioteca formada pela comunidade do Bode, no Pina, em Recife. O espaço cumpre uma missão de incentivo coletivo à leitura e à cultura de uma maneira geral, sendo bastante ativa na formulação de projetos que a própria vida traz como desafio à comunidade – como é o caso de sua ativa participação nos cuidados com a comunidade nesse período de pandemia da COVID-19.

¹⁸ Devo essas intuições – tendo já aberto, previamente, uma sensibilidade a partir das leituras de Glissant – em específico às entrevistas que andei assistindo de Makota Valdina.

¹⁹ Essa é, para Glissant (2005, p. 41), a pergunta que toda consciência não ingênua, no sentido de se saber inextricavelmente relacionada à imprevisibilidade da totalidade-mundo realizada, deve se fazer. Nesse sentido, estar em sintonia com a comunidade que deve defender (e que é, não raro, ameaçada) é “defendê-la dentro da realidade do caos-mundo que não mais permite o universal generalizante”.

setorialização da poesia. Ele quer – com a força sugerida pelas agonias –, diferente disso, brincar com os espaços, as pessoas, as palavras e suas fronteiras. E quando todos dizem “lá vai o poeta”, o poeta menino vai com as honras e a leveza de *ser-sendo* poeta andarilho²⁰. Perambula, sem guardar com isso, portanto, uma relação missionária de fé e muito menos de sobrevivência material. Recentemente, aliás, comunicou à família seu desejo de usar sua bolsa permanente de estudos para ser iniciante de doula da parteira Helena Tenderine, cuja roda de parto acontece no *Sítio Malokambo*, em Tracunhaém, Zona da Mata Norte de Pernambuco – espaço cultural e familiar do *Grupo de Capoeira Pernamocambo Angola*, que tem como mestre o caboco Joab Jó. Lugar de passagem de tantas gentes. Capta Antônio, em seu trabalho de pensamento no caldeirão de ferro, uma relação metafórica a ser nutrida entre o receber crianças nesse mundo e o animar partos de outros mundos. E resolveu mover-se atrás dessa metáfora financiada pelo Estado assim como as crianças, estando no parque, correm atrás de bolhas de sabão. Faça-se o encanto, faça-se a poesia. Um dia me disseram que não se deve acreditar em pessoas que não dançam e eu gostei. Hoje posso dizer: que sambe o Estado.

No *Sítio Malokambo*, o menino-mestre ainda não sabe, mas se encontrará com Ana Mirtes, pescadora e liderança da *Organização Social Poupança Comunitária*, na Ilha de Deus, entre o Pina e a Imbiribeira. Ana chegará para uma breve estadia, interessada em conversar sobre capoeira e a intransmissibilidade da mandinga²¹ com o mestre Joab Jó. Entre rodas de casais grávidos e cafés informais, Antônio e Ana se encontrarão, pela mandinga, no mútuo orgulho de degustar seus saberes ancestrais. Deixando que a voz dos antigos lhes fale por suas bocas, permitirão – sem que disso tenham plena consciência – que o futuro adentre suas portas. Poeta, antenas eretas, Antônio verá como aquela mulher, capaz de conversar com os aratus, mostra-lhe toda a sacralidade do mangue – em sua capacidade de curar os mares –, e de uma maneira tão bela que nenhum João Cabral o poderia fazer. “Aquilo”, pensará Antônio, “é a poesia que persigo”. Poesia entranhada na maneira como aquelas mulheres deixam os ritmos da natureza conduzir o tempo em suas vidas. E quando vão à luta, e lutam suas batalhas com o Estado e suas batalhas com os usineiros e seus venenos químicos; quando choram pelos milhares de peixes mortos, de papos para cima; quando as pescadoras identificam que aos médicos,

²⁰ Não posso me privar de relatar a breve *relação* que estabeleci com Maruke, um mestre da cultura negra em Olinda-Recife. Maruke era ator e cenógrafo, e eu ainda era um adolescente quando o conheci. Na inocência de uma quase criança, costumávamos comentar (eu e meus amigos) que ele era “o primeiro maconheiro de Olinda”. Imaginem! O fato era que só o conhecia dos acenos à distância. Por volta de meus quinze anos tive oportunidade de beber uma cerveja com aquele homem cuja imagem misteriosa e imponente tanto me impressionava. Fui logo falando de Jimi Hendrix e Jane Joplin, entusiasmado que estava com o movimento hippie. Ele me falou, em tom afetuoso, mais ou menos assim: “Olha Rui, eu detesto hippie porque eu sempre fui **um andarilho**, eu costumava ser recebido por onde eu andava como uma figura bíblica, me davam água, alimento e dormida. Agora, nesses mesmos locais, sou recebido com pedras”. Talvez esse tenha sido meu primeiro vislumbre do que hoje entendo como um conhecimento de errância e que, parece-me, era já tão evidente ao nosso personagem.

²¹ A mandinga a partir da capoeira, a mandinga na capoeira... É muito comum o cabra perguntar: “mandinga se ensina?”... mandinga mesmo, não estou falando da roupagem da mandinga, o que seria o trejeito, uma técnica apurada de improvisar, de interagir ali com o outro a partir do corpo... A mandinga mesmo, essa coisa mais profunda, há um consenso de dizer “não, a mandinga não se ensina”... E geralmente as pessoas dizem “a mandinga se aprende”. Mas eu acho que mandinga também não se aprende. E sendo uma coisa, pelo que eu tenho observado, pelo que eu tenho vivido, que não se ensina e não se aprende, mas existe... E é vital no jogo da capoeira. Joab Jó (2016) em entrevista a Rui Mesquita.

esses profissionais da insensibilidade, são-lhes invisíveis suas doenças ocupacionais, Antônio verá poesia nessa luta. Porque é da interação com o mangue que Ana tira sua força e a beleza de sua *forma* de pensar. Aí também estava, pensará o jovem poeta, a sacralidade do mangue, em sua arte de ser contíguo às pessoas que interpela e que habitam seu ventre. Por isso, Ana e Antônio se reconheceram no orgulho de desfrutar uma mesma paisagem composta de tantos *irrués*. Paisagem que não é um cenário conveniente a uma todo-poderosa narrativa, mas que é, ela mesma, como nos diz Glissant (2005, p. 26), “um personagem do drama da Relação”. E se reconhecerão no entendimento de que viviam a vida do seu jeito e que este jeito era o jeito que a vida quer. E porão em confluência suas histórias de vida num *espaço público* que, com Glissant (*ibid*, p. 37), os convido a perceber como um “*lugar comum*”, lugar onde “um pensamento do mundo encontra um pensamento do mundo” e onde “um pensamento do mundo confirma um pensamento do mundo”. E renegarão ao cristianismo e renegarão à própria “educação”, pois já renegavam, no fundo, à transcendência e à salvação crítica-conscientizadora de suas almas²². Seu samba – como os ensinou o mestre Joab Jó em sua passagem pelo Malokambo – será como sempre foi, com o porrete na mão. Que siga o jogo da liberdade em relação. Que sambe o Estado.

Referências

- Costa Pinto, LC (2020). Redes de aquilombamento contra a COVID-19: uma análise das estratégias de coletivos populares na Grande Recife. *Comunicação & Inovação*. V.21, N. 47, p. 116-134.
- Dubet, F (2011). Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. *Revista Brasileira de Educação*. V. 16, nº 47, maio-ago.
- Diop, CA (2014). A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. 2ª Edição. Tradução de Silvia Cunha Neto. Ramada/Portugal: Edições Pedagogo.
- Figueiredo, SR (2015) Princípio da Alternância: experiência de educação contra-hegemônica nos cursos de militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e na Escola de Formação Missionária. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Glissant, E (2005) *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJ.
- Glissant, E (2011) *Poética da relação*. Lisboa: Editora Sextante.
- Guizardi, M (2017). *Capoeira: etnografia de una historia transnacional entre Brasil y Madrid*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Urtado.
- Illich, I (1973). *Sociedade sem escolas*. Petrópolis: Vozes.
- Jó, J(2016). Entrevista concedida a Rui Mesquita. Tracunhaém, Pernambuco: mimeo,

²² Para conhecer melhor os vínculos entre “cidadania” (ao modo francês, ocidental) e cristianismo, com fortes corolários no campo da educação, ver o artigo Mutações cruzadas: a cidadania e a escola, de François Dubet (2011).

- Laclau, E (2000). Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión
- Lander, E (org.) (2000) La colonización del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires: CLACSO.
- Mesquita, R (2022). *Mandinga: Descolonización y Articulación Pedagógica*. Mar del Plata, Universidad Nacional de Mar del Plata.
- Mesquita, R (2013) Ao Redor do Baobá: anotações sobre memória e currículo na roteirização de uma imagem invisibilizada. Sorocaba, SP: REU, v. 39, n. 2, p. 393-407, dez.
- Rivera Cusicanqui, S (2015) Conversa del mundo. In: Boaventura de Sousa Santos (org.). Revueltas de indignación y otras conversas. Bolívia: Projeto Alice, p. 80-126,.
- Santos, JR (2020). A inserção do negro e seus dilemas. Revistas de Cultura. Marcos Lacerda e Sérgio Cohn (orgs.). Lisboa: Portugal.
- Valéria, J; Alvarez-Uria, F (1992). A maquinaria escolar. *Teoria e Educação*, v. 6, p. 1-17.